

Rubem
Braga

417

Radio 3.2.62
13.10.62
M 547
"A Traição"
(trabalho)

Casas, palácios, infância, autoridade...

TEM seus 23 anos, e eu a conheço desde os oito ou nove, sempre assim, meio gordinha, engraçada, de cabelos ruivos. Foi criada, a bem dizer, na areia do Arpoador; nasceu e viveu em uma daquelas ruas que vão de Copacabana a Ipanema, de praia a praia. A família mudou-se quando a casa foi comprada para a construção de um edifício.

Outro dia me contou:

— Em meu quarteirão não há uma só casa de meu tempo de menina. Se eu tivesse passado anos fora do Rio e voltasse agora, acho que não acertaria nem com a minha rua. Tudo acabou: as casas, os jardins, as árvores. É como se eu não tivesse tido infância...

Falta-lhe uma base física para a saudade. Tudo o que parecia eterno sumiu.

* *
*

E lembrei-me de meu espanto de menino quando ouvi dizer que uma família conhecida nossa, de Cachoeiro, estava querendo vender a casa.

Vender a casa... Casa, para mim, era alguma coisa que fazia parte da própria família, algo que existia desde sempre e para sempre com a mesma família. Fiz uma pergunta ingênua e alguém respondeu: "É, eles vão vender a casa porque vão se mudar para Minas".

Fiquei quieto, mas também não entendi. Como é que uma família que mora em uma casa, em uma rua, em uma cidade, pensava eu confusamente no íntimo, pode mudar para outra? Aquilo me parecia contra a ordem natural das coisas.

Também me lembro de achar estranho que casas pudessem ser alugadas. Mas também me lembro de que a primeira vez que tive notícia da exis-

tência de edifícios de apartamentos, com umas pessoas morando em cima das outras e sem precisar subir escada porque havia elevador, achei a idéia genial, e pensei comigo mesmo: "Eu vou querer morar no último andar". Mas pensei, confesso, sem nenhuma esperança, como quem pensa em fazer uma coisa que deve ser boa mas, com certeza, a gente mesmo não vai fazer, como, por exemplo, andar de balão. Como um menino pobre pensa em ser rei.

* *
*

Por falar nisso, participo a todos que não quero mais ser Presidente da República.

Não aceito mesmo não. E se fôr obrigado a aceitar (no fundo nunca me neguei a nenhum grande sacrifício pelo Brasil) podem saber que para mim não terá mais o mesmo encanto que teria antigamente.

Ser Presidente da República sempre foi, para mim, ir morar no Catete, no Palácio das Águias. Não que eu achasse o Palácio formidável (tive uma desilusão aos 9 anos de idade quando o vi pela primeira vez, e só achei bonito o parque cercado de grandes), mas aquêles casarões era a própria imagem do Poder, algo de sagrado, como a Catedral da República. Era ali que o Presidente morava — e mandava.

Acho bonitos os palácios de Brasília, mas são mais coisas para as pessoas verem, para a gente mostrar ao estrangeiro importante e êle dizer: "Sim, senhor, formidável!"

Mas não sei como é que vamos resolver as coisas mais urgentes e importantes quando ninguém mais puder chegar e dizer: "Ordem do Catete!"

417 - 16.4.60